

XXVII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. VIII Jornadas de Sociología de la Universidad de Buenos Aires. Asociación Latinoamericana de Sociología, Buenos Aires, 2009.

Origens sociais, redes sociais e engajamento no movimento estudantil. O caso dos residentes nas casas de estudante da universidade federal do rio grande do sul.

Ederson Helio Antunes Da Rosa.

Cita:

Ederson Helio Antunes Da Rosa (2009). *Origens sociais, redes sociais e engajamento no movimento estudantil. O caso dos residentes nas casas de estudante da universidade federal do rio grande do sul. XXVII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. VIII Jornadas de Sociología de la Universidad de Buenos Aires. Asociación Latinoamericana de Sociología, Buenos Aires.*

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/000-062/1653>

Acta Académica es un proyecto académico sin fines de lucro enmarcado en la iniciativa de acceso abierto. Acta Académica fue creado para facilitar a investigadores de todo el mundo el compartir su producción académica. Para crear un perfil gratuitamente o acceder a otros trabajos visite: <https://www.aacademica.org>.

Origens sociais, redes sociais e engajamento no movimento estudantil

**O caso dos residentes nas casas de estudante
da universidade federal do rio grande do sul.**

EDERSON HELIO ANTUNES DA ROSA

Bacharel em Ciências Sociais/UFSM

Mestrando em Ciência Política/UFRGS

Professor do Departamento de Sociologia e Política/UFSM

e_antunes@hotmail.com

Palavras-chave: militância estudantil, redes sociais, origens sociais.

O presente artigo tem como objetivo expor alguns dos resultados de um trabalho dissertativo sobre as redes sociais e o engajamento associativo. Mais especificamente, tratar da relação entre a inserção de estudantes em redes sociais e a participação dos mesmos no movimento estudantil. Toma-se como base os estudantes residentes nas Casas de Estudante da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Neste sentido, a militância estudantil será investigada de acordo com as condições sociais de existência dos residentes nas Casas de Estudante da UFRGS.

O ponto de partida para a investigação foi o propósito de compreender as formas de inserção dos “jovens” que estão vinculados ao movimento estudantil. Assim, buscou-se identificar os estudantes residentes nas Casas de Estudantes da UFRGS que se inserem no movimento estudantil e suas relações com outros movimentos sociais de “contestação ao sistema”, de filiação a partidos políticos e dedicação a “causas lutadas”.

Portanto, o trabalho objetivou adotar uma perspectiva que compreenda os processos de militância. “Não se trata em celebrar um regime ou de denunciar os seus limites, [no caso específico aqui tomado a militância no movimento estudantil] mas tentar compreender as práticas efetivas através das quais ele se realiza, existe e se apresenta” (Gaxie, 1993, p. 08). Sendo assim, cabe a devida pontuação no que se refere ao objeto que aqui é tomado como problema sociológico investigado: as condições sociais, os interesses, as lógicas e as estratégias que subjazem o militância.

O propósito foi de identificar os momentos de “entrada na política universitária”, numa população de indivíduos que se caracteriza por se situar em um limítrofe entre a saída do ensino médio e o começo no ensino superior, entre as escolhas profissionais e as inserções em movimentos sociais (dentre eles o movimento estudantil), entre a vinculação com a família nas cidades do interior e a “vida universitária” em Porto Alegre.

Não foi tomado como ponto de partida uma “organização”, um “partido”, uma “facção”, um “grupo” ou “instância” para se proceder a um trabalho memorialista. Tampouco a existência como tal destes mesmos grupos ou o desempenho de seus militantes. Tratou-se de investigar a inserção de estudantes residentes nas Casas de Estudante da UFRGS no movimento estudantil como militantes e os laços sociais que já existiam a entrada no sistema de ensino superior.

Para a investigação em pauta, é possível concentrar-se nos vínculos construídos entre os estudantes militantes das Casas de Estudante, as “causas” que justificam sua dedicação e as “redes” que viabilizam o engajamento. Pensar o engajamento militante é buscar a lógica dos investimentos dos indivíduos que em nome das “ideologias”, “crenças” e “tendências” falam, modificam, se relacionam e as substituem. Os estudantes se atualizam constantemente, conforme a “conjuntura política” e seus recursos sociais, angariando a promoção de seus “projetos de sociedade”, “visões de mundo” e “construção de um mundo melhor”.

Devido à percepção predominante de apatia e individualismo juvenil, com um reduzido número de estudantes na “vida política”, como interpretar a participação em organizações estudantis dos estudantes residentes nas Casas de Estudantes da UFRGS? Neste sentido, o trabalho objetivou a relação entre as dimensões das redes sociais tendo um papel como facilitadores do engajamento no ativismo estudantil. Mais especificamente, buscar determinar qual a dimensão dos vínculos sociais têm mais potencialidade ao engajamento estudantil.

A hipótese de trabalho foi de que as origens sociais baixas conjuntamente com uma política pública de assistência estudantil à moradia condicionam os estudantes ao engajamento no

movimento estudantil. Além de que o mesmo engajamento estudantil é perpassado por um itinerário em “redes sociais” (McAdam, 1996) antes da inserção no sistema de ensino superior.

Decidiu-se pela inclusão dos dados referentes à população da UFRGS, com o livro “Perfil e representações dos estudantes de Graduação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul” (UFRGS, 2003). No referido estudo sobre os discentes havia informações apenas para caracterizações descritivas, pois já estão agregados os dados. Dessa forma, não podendo ser feito o processamento e aplicação de outros testes estatísticos com os dados individualizados. Além de que, já de antemão, fica explícito que este mesmo trabalho toma como sua a preocupação dos alunos e/ou seus responsáveis (como desvendar o infortúnio ou aprovação no vestibular) e também a utilização nas lutas corporativas e políticas e ideológicas entre o “sistema de ensino público” e o “sistema de ensino privado”. Em síntese, tendo outros objetivos, utilização e validade prática parcial dos dados recolhidos. O corpo discente era composto em 2002 de 17.748 alunos matriculados na totalidade dos cursos de Graduação da Instituição, no segundo semestre do corrente ano.

Já os dados primários foram coletados por questionário aplicado numa amostra com 100 alunos residentes das Casas de Estudante da UFRGS, matriculados no ano de 2007. Foi possível destacar características sociais e algumas diferenciações entre os diferentes conjuntos discentes. Desta amostra das Casas de Estudante da UFRGS foram aplicadas entrevistas tópicas, com a pretensão de verificar algumas especificidades que os dados quantitativos nem sempre são capazes de captar. Com recurso à análise de trajetórias individuais e coletivas, buscou-se apreender os condicionantes, os efeitos sociais, as estratégias de ascensão e manutenção social colocadas no sistema de ensino superior, como também as estratégias empreendidas para a militância na política estudantil. Ou seja, reconstituir o quadro de relações, e disposições sociais, que permitam tornar inteligíveis esses processos mais amplos de classificações, reclassificações, de conversões e reconversões individuais e/ou sociais operadas ao longo das trajetórias analisadas. Como que se constituíram as inserções no movimento estudantil, as “entradas na militância” e de que forma é atribuída a inserção na mesma pelos estudantes, ou seja, como que a trajetória de militante estudantil foi construída nos “jovens”.

Uma primeira comparação é feita entre os alunos do conjunto da UFRGS e os estudantes residentes nas Casas de Estudante da Instituição. Com respeito aos cursos de licenciatura e bacharelado da UFRGS têm um total de 26,5% no conjunto de estudantes na Instituição, segundo os dados do segundo semestre de 2001. Já nas Casas de Estudante da UFRGS há 41,0% no seu

universo total de estudantes de cursos de licenciaturas e bacharelado. Ou seja, há uma sobre-representação em cursos menos “tradicionais”, com menor densidade de candidato/vaga, os “mais fáceis de passar” (segundo entrevistas com alguns moradores das Casas de Estudante da UFRGS), com uma maior taxa de evasão escolar (segundo o ementário da própria UFRGS), e, logo, menor remuneração e “prestígio social” (como falas êmicas dos entrevistados).

Comparando os alunos do conjunto da UFRGS com os residentes das Casas de Estudante, os primeiros detêm origens sociais elevadas em todos os índices demográficos disponíveis (grau de instrução formal do pai e mãe, renda familiar total, ocupação principal da mãe e pai). Como outro índice, a procedência geográfica se concentra em cidades do interior do estado do Rio Grande do Sul, em comparação aos estudantes da UFRGS que são mais de 75,0% oriundos de Porto Alegre ou da região metropolitana. O tipo de estabelecimento de ensino também é outra distinção: os discentes da UFRGS cursaram em sua grande maioria o ensino médio em escolas privadas, o que nos alunos das Casas de Estudante foi em estabelecimentos de ensino público.

Com poucos recursos sociais para adentrarem no sistema de ensino superior os residentes nas Casas de Estudante da UFRGS se inserem em atividades com baixa retribuição econômica e simbólica. Esta situação lhes dá condições para se aventurarem em profissões de elevados riscos quanto aos ganhos materiais e simbólicas. No caso dos cursos superiores de licenciatura, bacharelado e “técnicas” específicas voltadas ao mercado de trabalho. Dito de outro modo, com maiores recursos da família de origem os estudantes com maior “capital econômico” (Bourdieu, 1983) podem freqüentar o sistema de ensino privado, obtendo êxito no concurso vestibular em “carreiras” bem delimitadas e melhor remuneradas em comparação às “carreiras” típicas das Casas de Estudante da UFRGS.

Em síntese, ocorre uma dissociação aos alunos das Casas de Estudante em termos de seu “capital escolar” (inserção dentro do ensino superior) e as origens sociais (capital econômico, cultural, social).

A participação dos residentes das Casas de Estudante da UFRGS em Diretórios Acadêmicos (DA) ou Centros Acadêmicos (CA), Diretório Central dos Estudantes (DCE) é muito expressiva. São 48,0% de estudantes que participam ou participaram em graus variados na militância estudantil em Diretórios Acadêmicos e 32,0% no Diretório Central dos Estudantes. O

que no conjunto de alunos da UFRGS o engajamento no movimento estudantil não passa de 1,5% ao Diretório Central dos Estudantes e de 8,7% ao Centro Acadêmico.

Esta diferença entre estes dois conjuntos discentes é significativa. Se por um lado nas Casas de Estudante da UFRGS há quase a metade de estudantes vinculados aos seus Diretórios Acadêmicos, no Diretório Central dos Estudantes há, por sua vez, mais de um terço que participam do mesmo. O que equivale, respectivamente a quase cinco vezes mais a chance dos residentes nas Casas de Estudante se inserir no movimento estudantil.

Comparando em termos de origens sociais e os trajetos escolares (inserção nos ensinos médio e fundamental) os estudantes que residem nas Casas de Estudante da UFRGS não diferem consideravelmente dos participantes do movimento estudantil que residem na mesma. Apenas alguns cursos de graduação que são mais preponderantes que outros. Para com os estudantes do conjunto da UFRGS há consideráveis diferenças, como analisado anteriormente. Seja em termos das graduações, origens sociais e trajetos escolares.

Com relação às diferenças existentes entre os dois segmentos: as Casas de Estudante e os militantes da mesma, o que se sobressai é os vínculos sociais estabelecidos previamente à entrada na Instituição. O que sugere que estes vínculos sociais são a variável independente para a inserção dentro do movimento estudantil.

Analisando o conjunto dos residentes nas Casas de Estudante da UFRGS entre os estudantes que militam no movimento estudantil e os que não militam no movimento estudantil há perante os primeiros a vinculação anterior à entrada na Instituição em atividades sociais. Estas eram: partidos políticos, grupos de jovens ligados à igreja católica e protestante, grêmios estudantis, associações de moradores e sindicatos.

No conjunto dos residentes das Casas de Estudantes que militam há uma fortíssima vinculação social nestas atividades, são 92,0% dos alunos. O que nos não militantes este número chega a apenas 36,0%. As “carreiras” dos estudantes militantes aparecem como uma sucessão de transformações e reconfigurações ideológicas decorrentes de seu engajamento inicial a causas sociais. Abre possibilidades objetivas no processo de acumulação de recursos políticos, sociais, culturais, simbólicos, etc.

Dos estudantes militantes em pauta, a sua grande maioria teve os vínculos em grêmios estudantis do quadro do movimento estudantil secundarista (71,0%) e em grupos de igrejas católicas e protestantes ligados aos jovens (62,0%). Sendo que a filiação em partidos políticos não é desprezível (35,0%).

Sobre a “influência política herdada” em quase todos os militantes do movimento estudantil, um percentual de 92,0%, há uma presença em engajamento político de algum parente. Sejam os pais ou mesmo tios e primos. Sendo que no caso de não haver esta “influência”, os relatos foram de que amigos, vizinhos e colegas que fizeram a mesma. O que nos residentes das Casas de Estudante foi de apenas 35,0% para com parentes.

Muitas vezes, isto é apontado como um dos fatores para a inserção em “movimentos contestatórios”, “reivindicativos”, de “mudança da sociedade”. Assim, a valorização de laços familiares constitui-se numa estratégia de auto-afirmação, de reivindicação de uma “legitimidade”, de “intervenção política na realidade social”.

Nos moradores das Casas de Estudante da UFRGS observa-se uma dissociação entre as condições econômicas e as condições culturais. Ou seja, por um lado há uma um grau maior de “capital cultural” (Bourdieu, 1983) que não está associado proporcionalmente ao “capital econômico” (op. cit.). Decorre que nestas condições os estudantes do conjunto das Casas de Estudantes da UFRGS que são vinculados a um partido político (16% do universo total das Casas de Estudantes) são, em sua grande maioria, partidos de cunho de esquerda. Ou seja, a tomada de posição no que diz respeito à simpatia e/ou militância em legendas pluripartidárias se vincula ao espectro ideológico da esquerda brasileira. Tais escolhas refletem um espaço de oportunidades aberto aos “jovens”, nas alas de “Juventude do Partido” e que configuram os destinos no engajamento no movimento estudantil.

A longevidade escolar (maiores anos de estudos do ponto de vista formal) traz consigo diferenças marcantes em termos geracionais à família. Já que aos residentes das Casas de Estudante as origens sociais são mais modestas – em termos do grau de instrução dos pais – configura-se uma situação de sociabilidade a um lugar que não é seu (no sentido de menor probabilidade da “longevidade escolar”) e, ao mesmo tempo, um desenraizamento familiar (outros valores e práticas que estão inseridos no sistema de ensino).

As sociabilidades, experiências e eventos dos indivíduos condicionam a sua inserção no movimento estudantil. A constituição de “estruturas de oportunidades políticas” (McAdam, 1996) opera códigos de conduta que ensejam à prática de intervenção.

Os laços sociais têm um papel como facilitadores do engajamento no ativismo estudantil. As interações sociais que se estabeleceram com os estudantes antes a entrada no sistema de ensino superior ensejam o processo de ação coletiva que aprofunda compromissos (Lichterman, 1996) e fornece os laços estruturais para a sustentação do ativismo (McAdam, 1998).

Nessa mesma perspectiva, Tarrow afirma que, apesar de a decisão de participar de uma ação coletiva ser individual, “é no grupo de relações sociais e nas *redes de ligação* que essa pessoa possui é que esta decisão é ativada e sustentada” (Tarrow, 1998, p. 22). E esse caráter dos movimentos sociais tem sido mostrado por diversas pesquisas de estudos de redes de recrutamento para movimentos sociais (Gould, 1991; Kriesi, 1988; McAdam, 1986; McAdam and Paulsen, 1993, Snow, Zurcher e Ekland-Olson, 1980).

Outros autores, como Oberschall (1973 apud: SMITH, 1991) e Freeman (1973 apud: SMITH, 1991) também salientam a importância da organização das populações locais e colocam a questão da organização relacionada a uma *rede de ligação* entre os vários grupos que podem estar colaborando e/ou participando da mobilização da população. Também se destaca o estabelecimento de uma “infra-estrutura” que pode ser usada para ligar membros de uma população para uma campanha organizada de ação política. E nisto particularmente, as redes de ligação entre os residentes nas Casas de Estudante da UFRGS há uma organização que promove a inserção dentro do movimento estudantil. Isto em termos das mobilizações para a política de assistência estudantil da Instituição, bem como para questões vinculadas ao movimento estudantil como um todo.

As experiências, influências e participações em entidades formais e informais até a entrada no sistema de ensino superior promovem interações sociais que vão facilitar a vinculação no movimento estudantil e canalizar a sua experiência de sociabilidade.

A presença de organizações que estendem convites e oportunidades de participação aos adolescentes serve ao mesmo tempo para legitimar a sua presença em termos políticos, de

capacidade de mobilização. No ponto de vista dos “jovens” serve para a inserção em entidades que os favorecem simbolicamente, de entrada em redes de sociabilidade (Juhem, 2001).

Neste sentido, as organizações formais e informais estabelecem uma “estrutura de incentivos solidária”, que remete para “a multiplicidade de recompensas interpessoais que fornecem a força motriz para a participação” (McAdam, 1996, p. 45).

O trabalho das organizações faz certa transformação aos participantes. Ele modifica as preferências e forja envolvimento que em suas trajetórias irão impor uma sociabilidade social, e isto influi sobremaneira na sua “carreira” enquanto militante. Eles possibilitam na “carreira” militante trunfos, percepções e ações que adentrando no ensino superior levam estas tecnologias de ação contestatórias e mobilizativas.

Como são alguns relatos dos militantes no movimento estudantil:

Eu comecei por intermédio do pároco lá da minha cidade. [...] vinculada a teologia da libertação. Ele [o padre] abriu a perspectiva de muita gente lá no interior. Era uma pessoa diferente, diferente dos outros padres. [...] Fazendo a gente se envolver naquilo que na verdade era os nossos interesses lá no Sindicato [dos Trabalhadores Rurais]. E o pessoal do Sindicato também organizava o Grupo de Jovens. A gente tinha viagens no Grupo, conhecia outras pessoas. Foi daí que conheci Porto Alegre, a UFRGS. Me falaram das Casas de Estudante. [...] Militando no movimento estudantil a gente têm a missão, uma missão maior, porque muitos outros como eu não tiveram esta oportunidade. (estudante de agronomia)

No meu colégio tinha o Grêmio Estudantil. O pessoal que participava dele era muito legal. A gente fazia muitas coisas lá: promoções, festas, torneios [...] mobilizações contra o aumento de passagens, a manutenção da meia-passagem, a meia-entrada em cinemas, essas coisas (estudante de filosofia).

Comecei a militar mesmo quando entrei no PT (Partido dos Trabalhadores), na minha cidade. Fui convidado por um colega do Grêmio Estudantil da minha escola. Daí participávamos da JPT, na seção da região

da Serra [Juventude do Partido dos Trabalhadores] (estudante de psicologia).

O movimento estudantil tem a capacidade de destacar aspectos específicos da identidade grupal (enquanto intencionalmente reduzir outros). Ou então ocultar as diferenças entre os grupos de enquadramento nas questões mais gerais, de maneira a maximizar uma “identidade” coletiva enquanto grupo. Isto é, uma coligação pelo recurso a uma determinada identidade partilhada (e, implicitamente, conscientes esforços para minimizar as diferenças). São as fórmulas para uma estreita “identidade compartilhada” no movimento estudantil como destaca McAdam (2004).

Referências bibliográficas:

- BOURDIEU, P. La distinction - critique social du jugement. Paris, Minuit, 1983.
- MCADAM, D. MCCARTHY, J. D. e ZALD, M. N. (eds.). Comparative Perspectives on Social Movements. Political Opportunities, 1996.
- MCADAM, D. Social movements and network – relational approaches to collective action, 1996.
- JUHEM, P. "La Légitimation de la Cause Humanitaire: Un Discours sans Adversaires". *Mots*, nº 65, pp. 9-27, 2001.
- LICHTERMAN, P. The search for political community : American activists reinventing commitment. Cambridge. New York: Cambridge Univ. Press, 1996.
- LITTLE, R. & SMITH, M. Perspectives on World Politics. London and New York: Routledge, 1991.
- TARROW, S. "National Politics and Collective Action: Recent Theory and Research in Western Europe and the United States". *Annual Review of Sociology*, vol. 14, pp. 421-440, 1988.